



João Batista Andrade - Cineasta - O cinema brasileiro tem muitos momentos. Mas o que eu escolhi é um momento filosófico, não específico pois é um momento que se repete. Se desdobra em duas fases: a vontade de filmar e a descoberta de que isso é viável. Na verdade a tendência do cinema mono-

polista internacional é a de que o indivíduo seja somente espectador. Mas aí, você não se resigna à condição de consumidor. No outro passo, em que é possível, não há nada que te obrigue a permanecer na posição passiva de espectador.

O CINEASTA E
ESCRITOR ROBERTO
TORERO DÁ A SUA
VERSÃO DO
FESTIVAL DE
BRASÍLIA DO
CINEMA BRASILEIRO

JOSÉ ROBERTO TORERO

Tenho vários motivos para gostar do Festival de Brasília. O primeiro - pouco nobre - é que este foi o primeiro Festival em que ganhei um prêmio de melhor filme, com um curta 16mm chamado *Nunc et Semper* em 1993. Se não se esquece o primeiro sutiã, quanto mais o primeiro Festival. Mas há outro motivo para que eu goste de Brasília, um motivo que faz deste Festival um evento único.

Todo Festival tem o seu charme, a sua graça.

- há os que são bons pe-

los restaurantes;

- há os que são adorados por suas praias;

- os que são interessantes pelas festas;

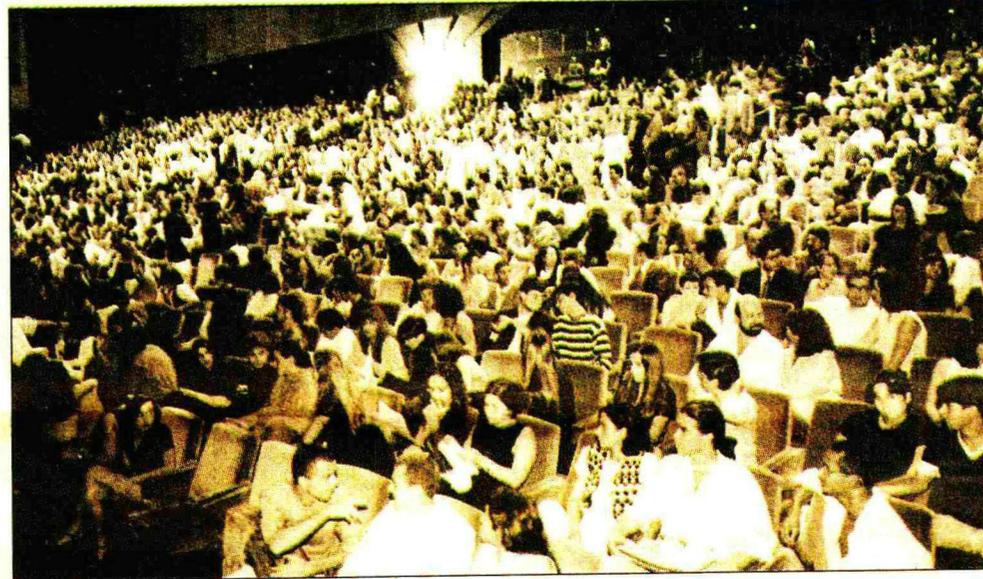
- os que são admirados por seus hotéis luxuosos;

- os que são simpáticos por suas cidades;

- e os que são amados por que têm mais atores da Globo;

Mas Brasília não tem praias, as festas não são maravilhosas e os restaurantes bons têm preços acima das minhas posses. Dessa forma o que mais me atrai neste Festival não é nenhum tipo de mordomia, mas sim aquilo que é, na verdade, o motivo deste (e, espero) de todos os outros festivais: o público.

Não há outro festival em que as salas estejam sempre lotadas, em que o público vaia ou aplauda com tanta paixão. Mesmo nós, cineastas, se não chegarmos cedo



Mila Petrillo

Não há outro festival em que a platéia aplauda ou vaie com tanta paixão

não teremos lugar para sentar (o que, por sinal, acho muito justo). Mas o público não é só quantidade, é também qualidade. As pessoas neste Festival são tão participantes que, quando meus filmes passam naquela grande sala, tenho vontade de virar a cadeira ao contrário para ver que caras as pessoas farão, se vão rir ou vomitar,

reclamar ou aplaudir, pular ou roncar.

Para encerrar, cito um velho ditado budista (ou será taoísta?) que diz: "se uma árvore cair numa floresta e ninguém ouvir o estrondo de sua queda, é como se ela não tivesse feito barulho nenhum". Com o cinema não é muito diferente. Se ninguém vê um filme é

quase como se ele não tivesse existido, quase como se não tivesse sido nem filmado. Mas no Festival de Brasília o cinema não corre esse risco. Aqui os filmes são realmente vistos, e ver um filme não é apenas acompanhar sua historinha, mas entendê-lo, odiá-lo, amá-lo. E isso o público de Brasília faz como nenhum outro.

A diferença é o público